

A LIQUIDEZ DE BAUMAN EM EBULIÇÃO NA PANDEMIA: UM ENSAIO SOBRE OS AMORES DE FUMAÇA

Renan da Silva Dalago¹

Altamir Botoso²

RESUMO

Em um mundo em constante transformação, Bauman afirmava em seus textos e entrevistas que a única certeza era a incerteza. Nós, mesmos aqueles que não compreendem ou não estudaram sociologia, filosofia, ciências humanas ou sociais, compreendemos o mais simplório dos pensamentos de Bauman, principalmente, a modernidade líquida, relações humanas que escorrem pelos dedos. Com a chegada da pandemia e do isolamento social, essas incertezas se tornaram ainda maiores e o líquido que escorria pela mão, e que, de alguma forma ainda era palpável, toma outra forma. Este ensaio propõe observar o mundo a partir de sua mudança radical junto a pandemia e observar que o mundo líquido de Bauman se tornou, de alguma forma, tão mais rápido e incerto, que podemos dizer que a mudança social trouxe também uma mudança para o pensamento líquido, pois estamos na era da sociedade e dos amores de fumaça, nós vemos, podemos tocar, mas eles se dissipam no ar em milésimos de segundo, e mesmo que não saibamos exatamente para onde vai essa fumaça, a nós não importa, pois ela não está invadindo nossa propriedade privada, nossa vida privada, nos tornamos além de humanos, obsoletos, humanos privados, privativos e, de alguma forma, incapazes de olhar para o outro.

Palavras-chave: Modernidade líquida. Amores de fumaça. Mudança. Zygmunt Bauman.

¹ Formado em Publicidade e Propaganda (UniCesumar). Especialista em Comunicação, Semiótica e Linguagens Visuais pela Universidade Braz Cubas e em Psicanálise Junguiana – Perspectiva Multidisciplinar (Unyleya). Graduado em Licenciatura em Letras/Espanhol pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Mestrando sob orientação do Prof. Dr. Altamir Botoso no Programa de Pós Graduação em Letras. Área de concentração em Estudos Literários na linha de pesquisa Poéticas da Modernidade pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Campo Grande. Bolsista FUNDECT/CAPES.

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita filho, UNESP. Docente do Programa de Pós Graduação em Letras - nível de Mestrado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em Estudos Literários.

INTRODUÇÃO

Até mesmo para aqueles que pouco entendem sobre filosofia, sociologia, as ciências humanas ou sociais, sabem ou compreendem minimamente o conceito básico dos pensamentos de Zygmunt Bauman, de forma superficial, é costumeiro ouvir que as relações humanas são líquidas, escorrem por entre os dedos. E este é o conceito principal, ou ao menos, o conceito que permeia sua filosofia, em seus livros e estudos.

Embora possamos dizer que é correto este conceito presente no imaginário coletivo, Bauman sempre foi além, crítico feroz do consumismo e do capitalismo, o sociólogo e filósofo sempre afirmara em seus textos e entrevistas que escolhera chamar de ‘modernidade líquida’ a crescente convicção de que a mudança é a única coisa permanente e a incerteza, a única certeza.

A modernidade líquida traz efeitos que são quase devastadores para a sociedade e o paradoxo principal na visão de Bauman era que, cada vez mais a sociedade se tornava rica, e ao mesmo tempo infeliz, pois amizade, amor, companheirismo e os prazeres cotidianos não eram objetos adquiridos no mercado, mas na ‘modernidade líquida’, o mercado consegue vender felicidade por meio de bens que podem substituir àqueles incapazes de serem adquiridos:

Uma vez que os bens capazes de tornar a vida mais feliz começam a se afastar dos domínios não-monetários para o mercado de mercadorias, não há como os deter; o movimento tende a desenvolver um impulso próprio e se torna autopropulsor e auto acelerador, reduzindo ainda mais o suprimento de bens que, pela sua natureza, só podem ser produzidos pessoalmente e só podem florescer em ambientes de relações humanas intensas e íntimas. (BAUMAN, 2009, p. 16)

Não resta dúvidas de que a obra de Bauman ultrapassa os simples conceitos das líquidas e fluídas relações humanas. O autor se vale de seu conceito de modernidade líquida para avaliar e fazer uma crítica ao capital, à moral e à ética.

Para além dessa visão ampla de Bauman, é sobre os amores líquidos e suas possíveis transformações que este ensaio se propõe a tratar e, neste ponto, recorremos a uma colocação de Santaella em seu livro *Linguagens Líquidas na era da Mobilidade*:

Não resta dúvida – e Bauman está consciente disso – de que a metáfora do líquido ecoa os jovens Marx e Engels (s.d., p. 24), quando prognosticaram que a vida moderna derrete os sólidos e profana o sagrado; em suma, que o capital irremediavelmente leva de roldão quaisquer valores acalentados pela tradição. Justamente com o título de seu livro, extraído de Marx e Engels, *tudo que é sólido se dissolve no ar* [...]. (SANTAELLA, 2007, p. 15, grifos do autor)

Nunca ficou tão claro, como nos dias de hoje, com a era da pandemia e do isolamento e distanciamento social, que a era dos amores e da modernidade líquida *se dissolveram realmente no ar*, como fumaça.

Na contemporaneidade, ou mais especificamente, no período que teóricos e críticos denominaram de modernidade, houve uma série de transformações abruptas, que engolfaram o ser humano e terminaram por revelar situações paradoxais, que são marcadas pela insatisfação, desunião e o isolamento do ser humano, apesar da impressão de uma unificação, que na verdade assinala para o oposto disso – separação, segregação, individualismo exacerbado:

Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo hoje. Designarei esse conjunto de experiências como ‘modernidade’. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN, 1987, p. 16)

A mobilidade constante, as mudanças, a inconstância dos seres humanos são características que assinalam e descrevem a modernidade, na qual se verifica que nada tem solidez, tudo é fluido, desde as relações entre os seres até os mercados e as instituições que fazem parte do nosso mundo globalizado:

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma o conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão. No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se ‘modernização’. [...] (BERMAN, 1987, p. 16)

E tais transformações continuaram a se acelerar no século XXI, mas, ao invés de gerarem a satisfação, o contentamento, a felicidade das pessoas, o que se nota é o oposto – uma insatisfação generalizada, uma falta de perspectiva e uma impossibilidade de se estabelecer contatos mais duradouros, tudo é superficial, volátil, substituível ou passível de ser trocado, superado e rapidamente esquecido.

Dessa forma, os líquidos tomaram em si - outra proporção – as relações se tornaram mais rápidas, ainda menos sólidas, esses líquidos se tornaram fumaças, passageiras, irrisórias, vendáveis, relações humanas pautadas em milésimos de segundos, e, se antes, a felicidade podia ser comprada, agora, tê-la é um privilégio, ainda que passageira, uma vez que toda solidez perdeu seu estatuto, e agora não há mais espaço ou tempo disponível para se olhar para o nosso semelhante, para lhe dedicar algum tipo de atenção ou afeto. Tudo pode ser comprado, adquirido, mas nada disso gera satisfação ou contentamento.

A MODERNIDADE LÍQUIDA DA MESA DE BAR

É comum que na academia escrevamos aqueles textos científicos como receitas de bolo ou fotos três por quatro, cheios de limitações, regras, normas e essencialmente citações de grandes pesquisadores com inúmeros livros publicados.

Nos esquecemos, porém, da vida lá fora, que por sua vez ocorre dentro de nós. E dentro de nós, de nossos sentimentos, não há limitações, regras, normas ou citações de grandes autores. Há, sempre, um descompasso entre a vida que precisa/deve ser vivida e o espaço acadêmico, que muitas vezes nos limita, nos exaure as energias e, em geral, gera sentimentos contraditórios de perda de tempo, de insatisfação e de mesquinhas, que são desnecessárias, mas que só nos damos conta, quando já é muito tarde. Afinal, o conhecimento, as descobertas só podem provir desse espaço?

Existe uma situação quase que “anedótica” para o meio acadêmico, que é dizer como verdade absoluta que as conversas da mesa de bar, com aquela cerveja gelada é, também, ciência. E quantas vezes ali, naquela mesma mesa de bar, Bauman (1925-2017) já não deve ter sido citado entre tantos goles de cerveja.

Bauman foi um sociólogo e filósofo polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia, no Reino Unido. Além disso, “[d]os mais de 50 livros escritos por esse polonês, cerca de 30 foram traduzidos para o português e lançados no Brasil. Material suficiente para transmitir claramente suas ideias sobre o mundo ‘líquido’” (MENEZES, 2021).

O criador do pensamento filosófico da “modernidade líquida” é um dos sociólogos, filósofos e pensadores mais lembrados da atualidade, quando se fala em relações humanas e, sem sombra de dúvida, suas reflexões são importantíssimas para pensarmos e conceituarmos as relações humanas nos dias atuais.

Penso, contudo, que se este homem que viveu até seus 91 anos e morreu em 2017 tivesse a oportunidade de sobreviver mais um pouco e nos ver aqui e agora, em 2021, em meio a uma pandemia e durante um isolamento e distanciamento social; se talvez ou por um momento, ele não repensaria seu próprio conceito de relações humanas, que para ele, até 2017, eram líquidas.

Bauman aponta a liquidez como algo fluído e leve:

Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’, são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho... Associamos ‘leveza’ ou ‘ausência de peso’ à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos [...]. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de leveza. (BAUMAN, 2001, p. 8).

A fluidez e a leveza são elementos que se complementam e, esta última, é “traduzida” no dicionário *Michaelis* (2021) por qualidade ou estado de leve (que pesa pouco); caráter de quem tem frescor e delicadeza; falta de tino ou de reflexão; leviandade e no *Dicionário de símbolos*, de Herder Lexicon, encontramos a seguinte definição:

A sensação ou as imagens oníricas de leveza, que evocam a dança, um véu transparente e flutuante, a graça móvel de certos gestos, a música, tudo que é aéreo, vaporoso, ascensional, tem relação com os símbolos da elevação. Todos esses signos simbolizam uma aspiração a uma vida superior, a uma redenção da angústia já em fase de se realizar, a uma liberação que pode ser buscada ou por meio da evasão –

seria uma leveza enganadora –, ou pela superação – seria a leveza verdadeira. (LEXIKON, 1990, p. 547)

Embora o vocábulo referido seja frequentemente associado a uma conotação positiva, hodiernamente, seu sentido aparece geralmente vinculado à rapidez, leviandade, brevidade, falta de aprofundamento. Na era dos *memes*, das *fake news*, da *web*, do cancelamento e de tudo que passa rápido demais, essa leveza certamente está mais para a leveza enganadora e leviana, que não leva nada a sério, do que para a leveza com frescor e delicadeza de superação.

Bauman tem razão em afirmar que somos liquefeitos, que mudamos rápido demais, mas isso intensificou-se ainda mais, com o passar do tempo e de modo tão avassalador, que este rápido demais daria lugar a mudanças e transformações em milésimos de segundos.

Ninguém esperava por uma pandemia, um isolamento e distanciamento social e foi neste momento das nossas relações humanas que não houve leveza alguma na mudança ou fluidez das relações humanas, sejam elas individuais, sociais ou mundiais.

Não ocorreu sequer a liquidez de Bauman, porque o líquido, quando parado em uma bacia de água, ainda pode ser tocado, manipulado, a água permanece ali em um estado quase sólido e pode se tornar sólida se colocada no freezer.

No entanto, seria uma inverdade dizer que Bauman não pensou nessa possibilidade, ao avaliar a fluidez e a liquidez das relações, pois no livro *Modernidade Líquida*, ele assinala que

Como zumbis, esses conceitos são hoje mortos-vivos. A questão prática consiste em saber se sua ressurreição, ainda que em nova forma ou encarnação é possível, ou – se não for - como fazer com que eles tenham um enterro decente e eficaz. (BAUMAN, 2001, p. 15)

Seria interessante interpelar Bauman a esse respeito, uma vez que estou ciente de que, para alguém que mal saiu de sua graduação, dizer que hoje – talvez - você pensasse diferente, é quase um pecado acadêmico, mas se há algo que esse estudioso me ensinou, é que somos seres líquidos, nosso pensamento o é, e portanto, reitero e volto a assinalar e a dizer novamente que, se você estivesse aqui, agora, nessa pandemia, nesse distanciamento e isolamento social entre nós, você veria que a modernidade talvez não esteja ou não seja mais tão líquida, fluida e mutável. Houve uma alteração bastante intensa nas relações humanas, no mundo, na maneira de se estar e se posicionar em relação ao nosso semelhante.

Temo afirmar com quase certeza absoluta que, se Bauman estivesse aqui, recriaria esta sensação filosófica sobre os sentimentos e as relações humanas e, muito provavelmente, talvez ponderasse que estaríamos em uma era da ebulição da liquidez, talvez, teríamos atingido a era dos amores e da sociedade de fumaça, num indicativo de que a liquidez se encontra superada e foi substituída por um novo estado na época atual.

UM ENSAIO SOBRE A SOCIEDADE E OS AMORES DE FUMAÇA

Bauman pensou profundamente em um mundo líquido, mas acredito que, conforme minhas ponderações precedentes, nos dias de hoje, este mesmo mundo ou sentimentos tenham sido colocados em uma chaleira, esquecida ao fogo e seu modo líquido tenha entrado em ebulição.

Provavelmente, quando em seus escritos e entrevistas o sociólogo polonês postulava que a única certeza da sociedade era a rápida mudança em seu corpo social, ele soubesse ou intuisse que

chegaríamos a um ponto no qual as relações humanas e principalmente as relações afetivas atingissem um ponto de ebulição, os líquidos se tornariam fumaça, mas não aquela fumaça da água de liquidez de Bauman; tornou-se algo ainda pior, porque a fumaça que podemos ver nos dias de hoje se iguala a de um cigarro, que acaba em cerca de cinco minutos, fumado no fundo de um bar, entre o lixo, as prostitutas, os alcoólatras e aqueles que parecem ter perdido a esperança de que sempre haveria uma luz no fim do túnel. Não há. Ela se apagou definitivamente.

Na era do isolamento e distanciamento social causado pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19), o que era para nos aproximarmos enquanto seres humanos em estado de calamidade pública, acabou por mostrar uma face mundial de que estamos distantes de uma mudança que nos aproxime e, pelo contrário, há um distanciamento ainda maior da capacidade humana de amar, a liquidez não se faz presente aqui, o que há é um processo de (des)humanização e por consequência uma analogia aos amores de fumaça, configurando um mundo desumano, carente de sentimentos e de empatia com o próximo. A realidade tornou-se aterradora, hostil, marcada por atos de violência e mortes:

[...] Durante a pandemia dados da ONU Mulheres apontam que o confinamento levou a aumentos das denúncias ou ligações para as autoridades por violência doméstica.

Na França, por exemplo, o crescimento foi de 30%, enquanto que na Argentina, 25%. No Brasil, durante os meses de maior isolamento social, entre março e junho do ano passado, houve um aumento de 16% no número de feminicídios, em comparação a igual período do ano anterior. [...] (AMARJ, 2021, s. p.)

Os amores líquidos, móveis, fluídos, voláteis, junto ao assunto ao qual Bauman sempre fora um severo crítico – o capitalismo – fizeram com que nós pensássemos que os seres humanos, principalmente as mulheres, ainda no século 21, fossem a propriedade do homem e quando esta não o quer mais, há agressões físicas, psicológicas e até mesmo feminicídio³. Impossível não ver aqui um reflexo do sistema patriarcal, que continua vigente e fazendo vítimas. Aliás, o período pandêmico revelou também uma sociedade anacrônica, atrelada a valores retrógrados, que valoriza formas de repressão do período da ditadura militar. Ao invés de uma evolução, nota-se uma involução, um atraso, uma nostalgia de um passado no qual tudo é visto como se fosse algo perfeito, sem atribuições, sem uma avaliação crítica mais aprofundada, reverberando ideias de políticos de direita, que só tem a preocupação de garantir o seu próprio bem-estar e o de sua família e que desprezam a educação, que poderia abrir os olhos de uma população acéfala, que caminha sorridente a passos largos para o abismo, sem se dar conta disso. Enquanto isso, as mulheres, os grupos minoritários e os menos favorecidos são agredidos, atacados, assassinados, sem que nada seja feito para alterar essa realidade exasperante e que vai se perenizando não só nosso país, mas no mundo inteiro.

Em 2020 foi criado o projeto Justiceiras (www.justiceiras.org.br), no site, é possível ter acesso a documentos atualizados sobre casos de agressões a mulheres. Segundo os dados apresentados pelo projeto durante a pandemia, 35% das mulheres atendidas moram com o suspeito. Em 51% dos casos, o agressor é o atual companheiro e em outros 48%, um ex-namorado ou marido. Em abril, quando o isolamento social imposto pela pandemia já durava mais de um mês, a quantidade de denúncias de violência contra a mulher recebidas no canal 180 deu um salto: cresceu quase 40% em relação ao

³ Termo relativo a crime de ódio baseado no gênero, amplamente definido como o assassinato de mulheres em contexto de violência doméstica ou em aversão ao gênero da vítima (misoginia), mas as definições variam dependendo do contexto cultural.

mesmo mês de 2019, segundo dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMDH).

Com a chegada da pandemia, superiores aos afetos ordinários e à violência contra as mulheres, houve também um aumento na procura por ajuda psicológica. Segundo dados do *Google Trends*, na primeira quinzena da pandemia no Brasil, houve um aumento de 88% nas buscas por terapias *on-line*, e segundo dados da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, durante o período de pandemia ocorreu um aumento de 50% nos casos de depressão e 80% nos casos de ansiedade.

As relações se tornaram ainda mais frágeis, durante o isolamento social, os parceiros e parceiras tiveram que conviver basicamente 24h por dia juntos, este fato fez com que houvesse um aumento nos casos de separação e divórcio no Brasil. Os divórcios consensuais em cartórios aumentaram 54%, entre maio e julho de 2020, em números absolutos, as separações saltaram de 4.641 para 7.213, segundo levantamento do Colégio Notarial do Brasil (CNB/CF).

Ainda que falemos sobre violência contra a mulher, problemas psicológicos e procura por auxílio e divórcio na pandemia, Bauman estava certo, quando afirmava que sua modernidade líquida se referia essencialmente ao olhar para si individualmente e se “esquecia” da coletividade e isso é percebido na atualidade, durante uma das maiores pandemias do século, no momento em que a fome se torna maior e é até mesmo naturalizada ou romantizada, conforme dados estatísticos:

A fome, que crescia no Brasil na última década, acabou se agravando na pandemia. Em 2020, 19 milhões de pessoas viviam em situação de fome no país, segundo o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da covid-19 no Brasil. Em 2018, eram 10,3 milhões. Ou seja, em dois anos houve um aumento de 27,6% (ou quase 9 milhões de pessoas a mais). A Unicef (braço da ONU voltado para crianças e adolescentes) afirmou que, no mundo, “6,7 milhões de crianças menores de cinco anos podem sofrer definhamento (baixo peso para a altura) — e, portanto, tornar-se perigosamente subnutridas — em 2020 como resultado do impacto socioeconômico da pandemia de covid-19”. (MARTINS, 2021, s. p.)

Enquanto a fome cresce, ela é romantizada pela mídia com chamadas para reeducação alimentar com pouco dinheiro ou como gastar menos na hora de comer, ou ainda, pelo aumento do preço do gás, como fazer seu próprio fogão a lenha. Nesse sentido, temos em contrapartida aquilo a que Bauman se referia, ao apontar a venda de felicidade pelo capital. De um lado, a miséria se avoluma e se alastra sordidamente e, de outro, uma parcela da população, que não enfrenta essa realidade e não precisa se preocupar com o pão de cada dia, dá conselhos de sobrevivência e indicações de como enfrentar o vazio das panelas e a escassez de meios para comprar o sustento. Não espantaria nada, se qualquer dia desses, a apresentadora Ana Maria Braga surgisse nas telas da televisão brasileira apresentado mil e uma maneiras de se preparar ossos bovinos para a refeição do brasileiro carente. Aliás, isso já foi feito com relação aos pés de frangos, uma parte que geralmente era desprezada pelos consumidores, tornou-se uma iguaria, com direito a receita no programa da referida apresentadora.

Enquanto há saltos estratosféricos na fome e na violência, há também um descaso com a saúde mental do outro, do próximo e das pessoas ao nosso redor. O isolamento social e a falta de um sistema de saúde eficaz e principalmente pelos altos valores cobrados por psicólogos e terapeutas, houve uma alta nos casos de depressão e ansiedade entre os jovens do mundo todo durante a pandemia, como assinala Maurin Luc (2021, s. p.):

As regras de isolamento da pandemia são eficazes para evitar a contaminação pelo coronavírus, enquanto a maioria da população não está vacinada. No entanto, há um outro lado da moeda: elas contribuíram para o aumento nos casos de ansiedade, depressão e transtornos mentais em várias faixas etárias, desde o início de 2020. Os dados são registrados no mundo todo e, na última sexta-feira (11), os Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos revelaram que as tentativas de suicídio aumentaram 50% entre jovens de 12 a 17 anos, especialmente meninas. Em 2021, este número foi ainda maior. Entre fevereiro e março deste ano, o aumento nos atendimentos a garotas que tentaram tirar a própria vida cresceu 50%, com relação aos mesmos meses de 2020.

Os números incluem atendimentos de emergência por suspeita de tentativa de suicídio, tentativas de suicídio e lesões autoprovocadas não suicidas, informou o site CNBC. Os dados foram coletados com base no Programa Nacional de Vigilância Síndrômica, que envolve 49 Estados do país.

Embora a taxa de suicídio tenha crescido durante a pandemia, outro fator importante a ser pontuado dentro das questões de saúde mental, foi o aumento das vendas de remédios e medicamentos antidepressivos e reguladores de humor durante a pandemia. Em conformidade com Tiago Américo (2021, s. p.) da CNN Brasil,

A venda de antidepressivos e estabilizadores de humor tiveram um aumento expressivo durante o ano passado. Um levantamento, obtido com exclusividade pela CNN, do Conselho Federal de Farmácias, mostra que quase 100 milhões de caixas de medicamentos controlados foram vendidos em todo o ano de 2020 – um salto de 17% na comparação com os 12 meses anteriores. Por região, há estados em que o consumo de antidepressivos foi ainda maior que a média brasileira. O Amazonas e o Ceará, que vivem uma crise na saúde pública, lideraram o consumo durante pandemia (29%). Na sequência, Maranhão (27%) e Roraima (26%). Em quinto lugar, aparece o estado do Pará (25%). Entre as principais capitais econômicas do país, São Paulo aparece em 18º lugar e o Rio de Janeiro na 20ª colocação.

Se por um lado estamos ultrapassando a barreira da humanidade e, no isolamento social, não conseguimos retirar de nós o que há de mais profundo como o egoísmo e a falta de sensibilidade ao próximo, tratando tudo como um grande capital e, pela falta de políticas públicas e auxílios governamentais tudo se tornou vendável, nós, enquanto seres humanos ainda em nossa individualidade e na nossa própria bolha, contratamos garotos e garotas de programa para o nosso prazer e nossa felicidade instantânea, para que saíamos desse lugar onde a miséria, a fome, a violência e as relações frágeis imperam.

Se por um lado houve um aumento da contratação de garotos e garotas de programa de luxo, visto que este salto na contratação se deu pela classe média e classe média alta para a satisfação do prazer individual, por outro lado, esse aumento na prostituição ocorreu justamente pela crise econômica e falta de auxílio por meio do governo. Mulheres que perderam o emprego tiveram que se prostituir para colocar comida na mesa ou pagar o aluguel. Dessa maneira,

De acordo com dados divulgados pelo site de garotas de programa 'Paradise Girl', que tem atuação em vários estados do país, o interesse de mulheres na prostituição disparou desde o início da quarentena e o número de cadastro aumentou em 85% na plataforma. (SOUPIN, 2020, s. p.)

Em conversa com 100 garotos e garotas de programa de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e Paraná, que tive entre janeiro e maio de 2021, foi relatado que, no início da pandemia,

em 2020, houve uma queda na contratação dos serviços de acompanhantes, por medo do coronavírus, dessa forma, esses garotos e garotas de programa migraram para o mundo e o sexo virtual, cobrando um valor, muitas vezes mais baixo do que o normal.

Porém em 2021, mesmo com a segunda onda da pandemia no Brasil, e chegando a quase 4 mil mortes diárias isso mudou. Dentre as 100 pessoas entrevistadas, 79 informam um aumento na contratação de acompanhantes de forma presencial, se em 2019/2020 faziam de 10 a 20 programas presenciais por semana e inúmeros programas virtuais a um preço muito menor que o habitual, em 2021 esse número saltou para 35 a 45 programas presenciais por semana e uma queda significativa nos encontros virtuais e esse aumento da procura por um sexo fácil, um acompanhante por algumas horas, ocasionou também um aumento dos valores cobrados.

Falamos, contudo, aqui, de garotos e garotas de programa que se “vendem” na internet ou por meio de aplicativos de encontros. Há ainda nas ruas, especialmente, mulheres que, sem emprego ou renda, vendem seus corpos entre 10 e 50 reais ou valores ainda menores.

A pandemia nos afastou enquanto seres humanos em um meio social, nos tornou ainda mais individuais, presos em nossas próprias conquistas, prazeres e culpas. Nossos amores e sociedade que eram líquidas, tornaram-se ainda mais rapidamente, como a fumaça, que é vista, é tocada, mas se dissipa ainda mais instantaneamente que a água que escorre entre os dedos de Bauman.

ENTRE HUMANOS E CONCLUSÕES

A nossa sociedade líquida se desfez ou, se refez, a modernidade que não era sólida, agora é completamente incerta, incapaz de se saber para aonde vai ou onde se chegará com a individualização do ser e a privatização, inclusive de nossos próprios corpos, postos à venda, para que se consiga colocar comida na mesa.

Bauman estava certo ao dizer que a única certeza era a incerteza, mas o que era fluído, se tornou incapaz de ser controlado e, como a fumaça, ela é vista, ela pode ser sentida, mas em segundos ela se dissipa no ar, volatiliza-se e desaparece.

Nossa sociedade está passando por uma transformação em que a violência, a fome, a privatização do ser, a individualização e a incerteza do futuro são tão recorrentes que se tornaram naturais para nós.

Em uma era em que tudo passa rápido demais, ou onde tudo se torna espetáculo aos olhos do público, incluindo um governo *memético*⁴ e há falta de vacinas, nos esquecemos de olhar a fundo para onde estamos indo enquanto sociedade. Durante a pandemia, mostramos nossa faceta, e provavelmente a pior delas. Num momento de isolamento social, nós nos isolamos do mundo e não olhamos para o vizinho que agride a mulher, para o homem na rua que passa fome, mas contratamos uma pessoa desconhecida para suprir nossa carência emocional momentaneamente, enquanto seguimos nossa vida e nossa rotina.

O distanciamento social na era da mobilidade, da modernidade, das redes sociais nos tornou seres (des)humanos, privados, dentro de nosso próprio isolamento. Aparentemente, o que vemos, se pararmos para refletir alguns minutos, é que parece estarmos em uma série distópica como *Black Mirror* ou um livro distópico como *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley (1894-1963).

Bauman, se estivesse aqui, observaria e sentiria na própria pele que estava certo, se estivesse aqui, veria que sua água, e com ela a sua liquidez e fluidez, sofreu uma enorme transformação e se

⁴ é o estudo formal dos memes.

tornou tão rápida, numa sociedade tão fugaz, efêmera e leviana, que deixaria a liquidez de lado e talvez pudéssemos falar em fumaças, que se dissipam numa velocidade assustadora.

Queimamos aquilo que amamos, e assim tudo vira fumaça, dissipa-se pelo ar, some para algum lugar do qual não queremos e nem desejamos saber onde se localiza, porque não está dentro da nossa propriedade privada, dentro de nós, então seguimos nosso caminho, sós, suprimindo apenas a nossa necessidade emocional, esquecendo-se e ignorando-se o mundo lá fora e os seres humanos que o habitam. A era da fumaça impera e não há espaço para a solidariedade, para sentimentos altruístas, para olhar para a dor do outro. Agora, tudo é individualidade, egoísmo, solidão, permeado por um sentimento de fracasso, que parece irreversível.

REFERÊNCIAS

- Associação dos Magistrados do Rio de Janeiro. **Em meio à pandemia, país enfrenta aumento no número de casos de violência contra mulher**. 15 de janeiro de 2021. Disponível em <<https://amaerj.org.br/noticias/em-meio-a-pandemia-pais-enfrenta-aumento-no-numero-de-casos-de-violencia-contra-mulher/>> Acesso em: 20 mai. 2021.
- AMERICO, Tiago. Venda de Antidepressivos Cresce 17% no Brasil durante a pandemia. CNN Brasil. Publicado em 23 de fev de 2021. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/venda-de-antidepressivos-cresce-17-durante-pandemia-no-brasil/>> . Acesso em: 20 mai. 2021
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. **Arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Canais registram mais de 105 mil denúncias de violência contra mulher em 2020**. 08 de março de 2021. Disponível em <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/marco/canais-registram-mais-de-105-mil-denuncias-de-violencia-contra-mulher-em-2020>> Acesso em: 21 mai. 2021.
- LEXIKON, Herder. **Dicionário dos símbolos**. Trad. Herlon José Pascoal. São Paulo: Ed. Pensamento – Cultrix, 1990.
- LUC, Maurin. Tentativas de suicídios entre adolescentes aumentaram mais de 50% na pandemia. Revista Crescer [on-line]. Publicado em 18 jun 2021. Disponível em <<https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Saude/noticia/2021/06/tentativas-de-suicidio-entre-adolescentes-aumentaram-mais-de-50-na-pandemia.html>> Acesso em 25 de mai de 2021.
- MARTINS, Cristiane. BBC Londres para a BBC News Brasil. **Como a fome deixa 19 milhões de brasileiros mais vulneráveis à covid-19**: 'Não há sistema imune que resista'. 23 de mai de 2021. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-57055627>>. Acesso em 19 de mai de 2021.
- MENEZES, Thales de. Zigmunt Bauman: pensamentos profundos num mundo líquido. **Revista Superinteressante**. Editora Abril. On-line. Janeiro de 2021. Disponível em <<https://super.abril.com.br/cultura/zygmunt-bauman-pensamentos-profundos-num-mundo-liquido/>> Acesso em: 20 mai. 2021.
- Portal Terra. **Revista Dino**. Durante a quarentena, cresce a procura por apoio psicológico. 13 de abr. de 2021. Disponível em <[https://www.terra.com.br/noticias/dino/durante-a-quarentena-cresce-a-procura-por-apoio-psicologico,47edf2a6eb3f6d13e387022d5e1ca2a210pmbbv8.html#:~:text=Ainda%20assim%2C%20com%20a%20chegada,Rio%20de%20Janeiro%20\(UERJ\).>](https://www.terra.com.br/noticias/dino/durante-a-quarentena-cresce-a-procura-por-apoio-psicologico,47edf2a6eb3f6d13e387022d5e1ca2a210pmbbv8.html#:~:text=Ainda%20assim%2C%20com%20a%20chegada,Rio%20de%20Janeiro%20(UERJ).>)> Acesso em: 21 mar. 2021.
- SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- SOUPIN, Elisa. **Prostituição de mulheres aumentou na quarentena, mostra pesquisa**. Yahoo Finanças. Revista On-line. 24 de set 2020. Disponível em <<https://br.financas.yahoo.com/noticias/prostituicao-de-mulheres-aumentou-na-quarentena-080016645.html>> Acesso em: 21 de mai. de 2021.